



O ESPAÇO POÉTICO DA ARQUITETURA DO PAPELÃO

Aissa Afonso Guimarães

UFES

Esta comunicação investiga a narrativa poética das esculturas do artista plástico carioca Sergio Cezar, em seu trabalho nomeado Arquitetura do Papelão. As obras são representações inspiradas na arquitetura e na vida urbana carioca das ruas, das favelas e dos cortiços; são maquetes de casas simples, barracos, antigos casarões coloniais, sobrados neoclássicos, vilas, vielas e favelas inteiras, que narram cenas do cotidiano e aspectos da cultura popular da cidade do Rio de Janeiro. As esculturas em miniaturas têm o papelão como suporte e como matéria prima na confecção de elementos que as compõem, junto com variados detalhes feitos de material reciclado.

No entanto, a complexidade do espaço construído das esculturas do artista, não se desvela na totalidade da imagem, mas na contemplação das minúcias, na dialética que se instaura entre a unidade e a multiplicidade, a singularidade e a complexidade, a totalidade do conjunto e a particularidade dos detalhes. Onde pequenos pedaços de papelão e de pano; palitos de picolé; tampinhas de latas de alumínio; pequenas partes de brinquedos; adesivos; pedaços de papel; jornais; revistas e outras porções de sucatas se transformam em roupas, cadeiras, mesas, bandeiras, placas, plantas, objetos religiosos e toda espécie de mobiliário, utensílio e decoração domésticos, que engendram relações e significados simbólicos ao espaço, território poético dos objetos.



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Privilegiamos uma abordagem fenomenológica, dos espaços construídos nas peças em papelão de Sergio Cezar, na qual pensar poeticamente o sentido da relação do homem com o espaço é experimentar a condição primordial do habitar; para esta leitura tomamos como referência “A Poética do Espaço” (1957) de Gaston Bachelard e “Construir, Habitar, Pensar” (1951) de Martin Heidegger. Nesta perspectiva, analisaremos a imagem poética do habitar nas esculturas, na percepção da imaginação e na experiência da intimidade; onde o espaço construído, investido de sentido, se transforma em lugar, território de relações identitárias e de referências simbólicas que habitam os espaços de intimidade, o imaginário e a memória.

Arte, espaços, papelão